

Retorno como exercício de desdobramento de pertença

“Returning home” is not like being home. Return as an exercise of expanding sense of belonging¹

Sofia Afonso²

Resumo: Para melhor compreender – e traduzir – como o regresso à terra natal ou ao país de origem constitui sempre um movimento de desvio da rota pretendida, ponho em diálogo dois discursos: exercícios artísticos da autoria de Marco Godinho, de Joe Lima e de Svetlana Boym; e entrevistas realizadas junto de luso-franceses e de luso-alemães.

Ao regressar, tanto a primeira geração como os seus descendentes confrontam-se com uma outra realidade. De presumível pertencente, o ator do regresso torna-se estranho, transforma-se num outro corpo que terá de desenvolver estratégias, discursos, recursos conscientes ou já autoassimilados para construir um novo espaço de pertença. A experiência do regresso, desejado ou não, vivido individualmente ou com outra configuração familiar, narrada ao longo das entrevistas a luso-franceses e a luso-alemães³, independentemente das especificidades que cada um destes contextos referencia, demonstra que a casa é estranha, que o regresso “obriga” os atores nesse espaço dito de pertença e muitas vezes reivindicado como tal a reposicionarem-se enquanto atores de um desdobramento identitário.

Palavras-chave: emigração; segunda geração; experiências de retorno; arte; Portugal

Abstract: To better understand – and translate – how return to the ancestral homeland or country of origin is frequently a deviation of what was originally the intended course of movement, I set out to analyse two strands of discourse: 1) relying on the artistic endeavours defined and developed by the contemporary illustrators and media artists Marco Godinho, Joe Lima and Svetlana Boym; and 2) interviews carried out with Portuguese-French and Portuguese-German returnees to Portugal. Through narrative analysis carried out with returnees from the source countries of France and Germany, this will be contrasted and supported by the works and theoretical conceptualisations of the aforementioned artists.

Upon “returning home”, both the first-generation and their descendants are often confronted with other realities, that reality expected or unexpected. As returnees to the country of origin and/or ancestry, these actors frequently presume their belonging

1 O presente texto inspira-se na comunicação apresentada no congresso internacional *Migrant descendants and “homeland returns”: identity, belonging and transnational mobility*, maio, 21-22, 2015, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, Portugal, no âmbito do projeto de investigação *REPOR: Luso-Descendant ‘Returnees’ in Portugal: Identity, Belonging and Transnationalism* (PTDC/ATP-GEO/4567/2012), sob a coordenação do investigador João Sardinha.

2 Observatório dos Lusodescendentes. E-mail: afonososofia@gmail.com

3 As entrevistas que constituem o corpo de análise desta reflexão foram realizadas no âmbito do projeto REPOR pelo investigador João Sardinha. A indicação (EA1) ou (EF1), por exemplo, que consta a seguir à transcrição de excertos das entrevistas, é composta por um número que corresponde ao número de entrevista e por uma letra que faz referência ao país de imigração ou de nascimento: F=França, A=Alemanha.

– often seeing themselves as “just as Portuguese” as those who never left. Upon settlement however, the actor is, to one degree or another, confronted with the unknown, often having to become another body that will take upon him or herself the construction of mechanisms and strategies, that may include adapting speech forms and/or activating specific resources, this in the name of assimilation and in order to build “a new space of belonging”. The experience of return – desired or not, solo or within a family configuration – according to the narrations of the Portuguese-French and Portuguese-German returnees interviewed, regardless of the specifics that each of their return contexts, more often than not shows that the presupposed “home” is strange, and that the return “compels” the actors in the space of presumed belonging, and often claimed as such, to reposition themselves as actors defined by a split identity.

Keywords: migration; second generation; experiences of return; art; Portugal

Abertura

O filme *Gaiola Dourada* de Ruben Alves (2013) retrata a rotina de uma família de emigrantes que pode ser associada à família-tipo da emigração portuguesa instalada /a viver há várias décadas na sociedade francesa, principalmente na vida parisiense, nos bairros de classe média alta: uma mãe porteira num prédio de alta burguesia francesa, um pai que trabalha numa empresa de construção civil francesa e dois filhos. Uma filha mais velha, licenciada, que tem uma relação com um francês (filho do empresário francês para quem o pai trabalha), e que desafia os usos, costumes e fundamentalmente a subalternidade protagonizada pelos pais. O filho mais novo, estudante, e que nega, branqueia, a sua origem e classe de pertença. Nesta comédia clássica francesa, o realizador faz intencionalmente um excelente trabalho de recenseamento de todos os clichés associados à emigração portuguesa (o que pode ter várias leituras, mas que não irei desenvolver aqui).

O regresso aparece na narrativa a partir de uma carta que notifica que a propriedade da família em Portugal é transmitida em testamento ao pai, que se não regressar a Portugal para assumir o controlo da quinta vinícola, terá de abdicar da herança. É a partir deste momento em que o regresso entra em cena, que se repositionam todos os elementos de uma vida “normal”: face à decisão iminente de partir, o que decidir? Finalmente, o regresso pode ser realizado mas de tão real que é, receia-se tomar a decisão. Tal como dizia Sayad, “o regresso, [é] mito que se distancia à medida que a estadia dos imigrantes se prolonga”⁴.

Este regresso põe em “confronto”, talvez pela primeira vez, e de uma forma mais assumida e visível, todos os elementos da família. No fim do filme (pedindo desculpa a quem ainda não o viu), o regresso é efetivamente assumido e concretizado, mas pela filha mais velha que regressa juntamente com o seu companheiro francês e ocupa o lugar do pai na quinta herdada. Final que, de alguma forma, intui a reflexão relativa sobre o papel que os descendentes desempenham na migração de regresso, neste caso, o papel de substituição dos pais.

4 “Le retour, ce mythe qui s'éloigne à mesure que le séjour des immigrants s'allonge” (SAYAD, 1998).

1. Estado da arte

Return migration is the great unwritten chapter in the history of migration
Russel King ⁵

Num repertório bibliográfico⁶ sobre a emigração portuguesa a partir dos anos 1980, recentemente publicado no âmbito do projeto de investigação REMIGR⁷, da análise bibliométrica efetuada, os autores concluem que: a) as mais de oitocentas referências produzidas entre 1980 e 2013 contrariam a tão apontada invisibilidade científica do tema; b) os estudos apresentados não recaem sobre a emigração recente. As três épocas históricas que inscrevem a produção científica recenseada são: a) século XIX até 1945; b) 1945-1974 e c) período pós-1974. O tema do retorno/regresso ganha particular relevo na década de 1980:

Analisando por décadas de publicação o quantitativo de estudos dedicados ao retorno, os resultados são: nos anos 1980=21; 1990=8; 2000=23. Parece que, após algum desinteresse durante a década de 1990, o mito [do regresso] persiste, possivelmente devido a um novo período de desaceleração económica⁸.

Os autores constatam ainda que:

é de destacar alguma proximidade entre: 1) os estudos que abordam a “cultura e identidade” e os que se focam nos “lusodescendentes”; 2) estudos dedicados ao “retorno”, que também muitas vezes se dedicam ao “transnacionalismo” (o próprio retorno pode ser considerado uma forma de transnacionalismo); 3) os estudos sobre a esfera do trabalho, por seu turno, são por vezes associados a estudos sobre “integração” no geral ou sobre “população, fluxos e trajetória migratória”⁹.

Em dezoito temas repertoriados¹⁰, salientemos aqui, que o tema da segunda geração da emigração portuguesa, ou dos lusodescendentes, ocupa a quarta posição no conjunto dos temas, sendo que o tema do retorno ocupa o sexto lugar enquanto a primeira posição é ocupada pelo tema da população e fluxos. Naturalmente, o primeiro lugar sobre os países de emigração é ocupado pela França.

Se reagruparmos todos os trabalhos que abordam a temática do regresso/retorno, podemos efetivamente falar em migrações de regresso dada a diversidade de temporalidades, perfis, e contextos socioeconómicos. Aí, encontramos o regresso dos emigrantes no Brasil, os “torna-viagem”¹¹. São, também, referenciados estudos sobre as políticas públicas levadas a cabo pelos países recetores, como, por exemplo, a França, para incentivar o regresso de imigrantes portugueses durante a década de 1970, de modo a fazer face ao primeiro choque

5 KING, 2000.

6 CANDEIAS; MARQUES; PEIXOTO, 2014.

7 *Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa* (REMIGR), disponível em: <<http://jpeixoto2.wix.com/remigr>>. A equipa do projeto é constituída por membros do SOCIUS, ISEG, Universidade de Lisboa; CEG/IGOT, Universidade de Lisboa; CIES/ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; e CES/Universidade de Coimbra. A investigação é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/ATP-DEM/5152/2012).

8 CANDEIAS; FERREIRA; PEIXOTO, 2014: 19.

9 CANDEIAS; FERREIRA; PEIXOTO, 2014: 17.

10 (1) Associativismo; (2) Crime, desvio e violência; (3) Cultura e identidade; (4) Emigração clandestina; (5) Emigração qualificada; (6) Estudos literários; (7) Género; (8) Integração; (9) Levantamento bibliográfico; (10) Lusodescendentes; (11) Media; (12) Mercado de trabalho; (13) Políticas migratórias; (14) População, fluxos e trajetória migratória; (15) Retorno; (16) Sociolinguística; (17) Teoria e metodologia; (18) Transnacionalismo. Para uma descrição detalhada sobre cada uma destas categorias, consultar CANDEIAS; FERREIRA; PEIXOTO, 2014: 15-16.

11 ALVES, 1994; MONTEIRO, 2004.

económico e social, pondo fim ao período glorioso de expansão económica, social e cultural das Trente Glorieuses¹². O regresso dos emigrantes da primeira geração, assim como o impacto no desenvolvimento da sociedade portuguesa, é abordado em monografias mais circunscritas regionalmente, como, por exemplo, em Boticas¹³, no nordeste transmontano, no distrito de Castelo Branco¹⁴, nos Açores¹⁵, na Madeira, ou, ainda, numa perspetiva comparada com a experiência dos Açores¹⁶. Considerem-se ainda trabalhos sobre a “dessacralização” do regresso e o fim do regresso como fim do ciclo migratório¹⁷, sobre a reintegração e motivações do regresso¹⁸, sobre as diferentes conceptualizações em torno dos termos/nomenclaturas de regresso, retorno e repatriamento, para qualificar e definir o movimento de regresso/retorno¹⁹.

É também interessante constatar que o estudo do regresso da primeira geração está presente desde os anos de pós-revolução até à década de 2010, além de ocupar uma posição preponderante nos estudos relativos ao regresso/retorno. Encontramos, ainda, trabalhos mais recentes sobre a temática das novas vagas de emigração, como é o caso das migrações e/ou da circulação de científicos portugueses e sua respetiva reintegração no meio académico e científico/de investigação português, como, por exemplo, a investigação de Ana Delicado (2010).

Ainda no que se refere à categoria *lusodescendentes* – *lusodescendência*, a maioria dos trabalhos recenseados diz respeito às trajetórias sociais, culturais, nas sociedades de acolhimento (e.g.: francesa, americana, luxemburguesa), com enfoque na auto e heterorepresentação identitária na construção da pertença. Os trabalhos que conjugam as categorias *descendentes de emigrantes e regresso/retorno* inscrevem-se mais na área da sociolinguística²⁰, abordando a integração no sistema escolar português. Os trabalhos que se centram essencialmente no binómio regresso e segunda geração, nomeadamente sobre as suas motivações a montante e as suas vivências a jusante, são os de Afonso (1997)²¹ e João Sardinha (2010, 2011). Podemos ainda apontar os trabalhos de Neto (1984, 2010) e de Rocha-Trindade (1983, 2009) sobre a dimensão plural da categoria, demonstrando o valor discursivo e imaginado do regresso que se fixa no plano do futuro próximo no(s) projeto(s) migratório(s) contrariando assim a natural expectativa do regresso.

O repertório bibliográfico apresentado evidencia, até certo ponto, que a visibilidade científica do tema da emigração portuguesa surge a partir desta análise de longo fôlego. No entanto, e dada a nossa historiografia no campo das migrações, se quisermos olhar à escala internacional as análises bibliométricas sobre as questões do regresso e do repatriamento (migrações pós-coloniais), só para referir dois temas incontornáveis, a presença de bibliografia sobre a realidade portuguesa é minoritária ou até mesmo inexistente, como se pode constatar em *A Systematic Bibliography on Return Migration de Carling, Mortensen e Wu* (2011). E é-o mais ainda considerando que, nesta obra, são referidos estudos comparativos e tidos como centrais na literatura produzida sobre esta matéria, como é o caso de *Diasporic Homecomings de Takeyuki Tsuda* (2009) e *Return Migration of*

12 POINARD, 1983, texto original de 1979, *Le retour des travailleurs portugais*. Paris: La Documentation Française.

13 GONÇALVES, 2003.

14 MARTINS, 2003.

15 MADEIRA, MEDEIROS, 2004.

16 MEDEIROS, 2003.

17 NETO, 1980; MONTEIRO, 1994.

18 LEANDRO, 2002.

19 ROCHA-TRINDADE, 1983.

20 CABRAL, 2003; FLORES, 2012.

21 A referência constante do repertório bibliográfico refere-se a um artigo publicado posteriormente à dissertação de mestrado em 1997 (texto policopiado).

the Next Generations: 21st Century Transnational Mobility de Dennis Conway e Robert B. Potter (2009). Estamos ausentes. No entanto, a nossa historiografia no campo das migrações permite-nos estabelecer aproximações e/ou distanciamentos com outras realidades migratórias – Christou, 2006, 2008; Lee-Cunin, 2005; Potter and Phillips, 2005; Reynolds, 2008; Wessendorf, 2007, 2008, entre outros. Aliás, em certa medida, o projeto *REPOR – Luso-descendentes 'Regressados' em Portugal: Identidade, Pertença e Transnacionalismo (2013-2015)*²² é um projeto de investigação baseado numa perspetiva comparativa de luso-descendentes, tendo como países de referência Alemanha, Canadá e França. Este projeto define-se principalmente por três eixos de trabalho: a) analisar os múltiplos e cambiantes reportórios identitários após o regresso; b) estudar as estratégias de integração na sociedade de regresso e c) auscultar as práticas transnacionais que parecem confirmar que o regresso não é sinónimo de fim de ciclo migratório. É no âmbito deste grupo de trabalho que a presente reflexão se produziu.

Regista-se na literatura um uso quase indiscriminado dos conceitos de *regresso* e de *retorno*. Aliás, para a segunda geração, recorrer a um destes conceitos parece ainda ser alvo de alguma resistência, principalmente para aqueles que não nasceram nem viveram no país de origem. Existe de facto uma certa ambivalência, uma não concordância à volta dessas denominações – segunda geração, regresso/retorno – uma “liquidificação” conceptual (referenciando-me a Bauman) em face destas realidades serem proteiformes e, por isso, complexas.

A tese que realizei, em 1997, tinha por título: *A segunda geração e o regresso – a geografia do ator de fronteira*. Tratando-se de um trabalho de margens, dado que se focalizou numa dupla dimensão, então por abordar no quadro dos trabalhos que se desenvolviam – regresso e segunda geração da emigração portuguesa²³.

O ator de fronteira constitui uma categoria conceptual relativa ao percurso de migração. A sua utilidade consiste em pôr a nu as diversas relações construídas consciente e inconscientemente entre dois espaços nacionais diferentes, entre duas pertenças culturais e identitárias distintas, entre duas sociabilidades distantes. Por outras palavras, estudar a segunda geração, enquanto extensão e não como reprodução da primeira geração, pressupõe tentar situar social, económica, cívica e politicamente o indivíduo rotulado como estrangeiro, imigrante, nacional de aquisição, cidadão, numa sociedade cujo território nacional se confronta historicamente com a necessidade de se legitimar. Resistindo pela sua característica fundamental de fronteira à assimilação e situando-se em vários níveis de integração/inserção, este ator projeta, em última análise, uma cidadania “utópica”.

São vários os perfis dessa mesma segunda geração. A título de exemplo: jovens que ficaram; jovens que conheceram/viveram um verdadeiro percurso de circulação entre as sociedades de partida e de acolhimento; jovens filhos de casamento misto; jovens que regressaram e que se desviaram do seu percurso iniciado em França (por exemplo, que integraram de imediato o mercado de trabalho versus a prossecução dos estudos; ou o oposto, contrariando assim uma escolaridade curta e técnico-profissional, integrando em Portugal o ensino superior); jovens que regressaram individualmente e/ou em regime familiar, e que se fixaram no país, ou que voltaram a residir em França ou que “jogam” com as oportunidades profissionais dos dois países, ou, ainda, que reemigraram para um terceiro país. Com esta enunciação de perfis, pretendemos assinalar a complexa multitudine de realidades ligadas entre si e, ao mesmo tempo, a riqueza dessa mesma complexidade.

22 Projeto desenvolvido entre 2013 e 2015 teve como equipa de investigadores: João Sardinha (investigador responsável), Nina Tiesler, David Cairns, Sofia Afonso, Irene dos Santos e António João Saraiva.

23 Da variabilidade analítica que oferece este espaço de trabalho, optámos por nos circunscrever a um objeto já “controlado”, a Emigração Portuguesa em França, e nele eleger um dos subgrupos da segunda geração, isto é, jovens estudantes universitários (em Portugal), enquanto sujeitos ou atores de um movimento minoritário: o regresso ao país de origem.

Parece claro que uma das consequências desta constelação de perfis é a característica de intermediário entre dois territórios sociais que o ator de fronteira adquire. O ator de fronteira potencia uma comunicação, uma circulação, um diálogo entre esses territórios – no sentido de uma “irrupção perigosa que rompe a segurança do instituído [...] pelo facto de jogar, de redizer o instituído”²⁴. Esse diálogo faz com que ele próprio se constitua num espaço de interseção, como se fosse simultaneamente *input* e *output* de um sistema, como se ele se constituísse num outro território. A exigência de dividir, subdividir, escolher, eger, que ao ator de fronteira se coloca, é sinónima de criação de conflito, de insegurança, de dúvida, primeiro, ao nível intrapessoal e podendo, a curto ou a médio prazo manifestar-se ao nível interpessoal e, mesmo, projetar-se no confronto com o nível nacional. Esta situação, aquando do regresso ao país de origem, repete-se, mas desta vez em sentido contrário.

Em suma, o ator de fronteira encontra-se numa outra dimensão cultural que não se compatibiliza com a lógica cultural, logo social e política, definida pela necessidade de se pertencer, de se identificar com uma nacionalidade, com uma única sociedade. O regresso apresenta-se como uma deslocação geográfica, de uma desterritorialização física para uma reterritorialização, de um processo de deslocalização para uma relocalização. Quando este movimento é realizado pelo agregado familiar, o jovem, na maior parte dos casos, toma consciência dele de forma frontal e inesperada, o que o coloca na posição de “indefeso”: de inscrito indubitavelmente num percurso de migração, cuja trajetória é definida por um projeto familiar que se constituiu como estratégia da migração e não de uma qualquer outra estratégia. Esta desterritorialização física produz, no contexto familiar, uma reterritorialização psicológica dada a tomada de consciência pelo regresso da inscrição no percurso migratório. É este círculo que, em nosso entender, vem legitimar o conceito de *Regresso* aos descendentes de migrantes.

2. Metodologia

Em termos metodológicos, é a partir de um trabalho realizado por João Sardinha²⁵ junto de luso-alemães, de luso-canadianos e de luso-franceses que centro este exercício exploratório. Baseio-me nesse primeiro trabalho de investigação, realizado a partir de narrativas biográficas e cujo corpo narrativo se construiu a partir dos seguintes eixos temáticos: processo migratório familiar, a vida em Canadá/França/Alemanha, a família e as relações pessoais, as visitas/relações com Portugal, a vinda para Portugal, reflexões sobre a cultura portuguesa, autoidentidade e autodefinição, percepções de pertença e/ou de alienação, inserção e mobilidade profissional, ligações transnacionais, auto projeção num futuro próximo, avaliação do regresso.

Não se trata aqui obviamente nem de retratar todo o percurso migratório dos pais, nem os fluxos migratórios para França e Alemanha nos anos 60 e 70 do século passado, mas fazer um primeiro enfoque, graças a este trabalho de recolha etnográfica sobre a experiência de regresso a Portugal vivenciada por luso-alemães e luso-franceses. Trata-se portanto de um trabalho, que, a pretexto de uma maior proximidade comparativa entre estes dois grupos, pretende perceber o que os aproxima e o que os separa tendo em conta essa experiência de regresso a partir das temporalidades, das dinâmicas, das motivações e da autoavaliação da vivência do regresso.

Temos vindo a assistir desde os anos 1990 a uma crescente visibilidade da “arte em diáspora” como objeto de transculturalidade e de transnacionalidade. Através da arte em diáspora joga-se, a um primeiro nível, a recusa da dicotomia entre dois opostos – o eu e o outro –, e o reconhecimento do hibridismo, sob formas várias, de entre

24 MAFFESOLI, 1985: 123-124.

25 SARDINHA, 2011b, trabalho etnográfico realizado em Portugal continental, entre junho de 2008 e fevereiro de 2010.

as quais a dupla e tripla pertença, indissociável da (con)fusão identitária e/ou linguística. Mas a um segundo nível, epistemológico, o que se joga é, também, a afirmação da necessidade de criação de uma outra constelação de recursos, relativamente à qual a arte “bien mieux que la fragmentation qu’impose souvent l’approche disciplinaire en sciences sociales, rend infiniment mieux la “totalité” du mouvement”²⁶. Neste sentido, as obras resultantes do trabalho de criação artística tanto se me apresentam como material empírico, quanto se constituem, pela sua mais-valia reflexiva.

3. Quadro-síntese dos grupos entrevistados

O que se parece destacar de imediato desta primeira leitura visual (Figura n.º 1), que traduz parte dos percursos narrados, é o facto da totalidade dos entrevistados terem nascido em território francês e que a dupla cidadania se assemelha a uma aquisição praticamente natural, automática.

Somos depois, em certa medida, surpreendidos com a vivência de pelo menos dois ciclos de regresso a Portugal para quatro dos treze entrevistados, o que significa pelo menos dois ciclos de re-regresso a França. Deixados ao cuidado de um parente familiar (avós paternos – E13), acompanhados por um irmão ou pela mãe, sozinhos ou pelo agregado familiar, o regresso fez-se maioritariamente no período pós-adesão à CEE – União Europeia (1986), beneficiando da mobilidade intraeuropeia e, no caso do regresso, motivado por razões de estudo, ao programa Erasmus, ao reconhecimento de graus e de diplomas. Faz-se igualmente no período pré-crise concentrando-se na década de 90 do século passado²⁷, período durante o qual Portugal, como recente Estado-membro, faz emergir uma *soi-disant* modernidade, cosmopolitismo, desenvolvimento económico-cultural que será recuperado e capitalizado, em parte, por uma nova geração de associativismo português, movimento associativo liderado por Cap Magellan junto da segunda geração da emigração portuguesa e que põe em cena toda uma nova terminologia que pretende emancipar uma pertença.

Figura n.º 1 – Grupo dos intervenientes luso-franceses

	fem	mas	ano nascimento	naturalidade			nacionalidade		ano	regresso	
				Nat	fr	pt	fr	binac		individual	acompanhado
1	■		1974		■			■	1997	■	
2		■	1986		■	■			1994		■
3			1983					■	1993		
4	■		1969		■	■			1978 até 1987	■	
5	■		1976		■	■			1996 - presente	■	
6	■		1972		■			■	1982- 1984	■	
7		■	1971		■	■			1991 - presente		■
8		■	1978		■				1989	■	
9	■		1980		■				1982- 1986		■
10	■		1983		■				1990-presente	■	
11	■		1978		■				2007	■	
12		■	1968		■	■			2004		■
13	■		1975		■				2007	■	
									2000		■
									1980		■
									1976-1978	■	
									1994	■	

26 HAMMOUCHE, 1998.

26 Confirma os Censos 2011, em que o número de portugueses que já residiram no estrangeiro por um período contínuo de pelo menos um ano e que regressaram a Portugal, é de 1 482 406. Os países mais representativos relativos à última residência, antes do regresso a Portugal, são a França, com 26%, e Angola com 15%, seguem-se Moçambique, Alemanha e Suíça com 7,8%, 7,6% e 7,2%, respetivamente.

No grupo dos luso-alemães (Figura n.º 2) a mancha não é monocromática, tendo mesmo havido um nascimento na Bélgica, onde os pais, por motivo profissional tinham emigrado, seguindo-se a Alemanha como segundo país de emigração. Todos os regressos são familiares à exceção de um único caso que se faz em fratria. O re-regresso a Alemanha dá-se igualmente num caso em que, por motivos profissionais, o entrevistado pode escolher o país e escolher a cidade onde já tinha vivido. O regresso neste grupo ocorre um pouco mais tardiamente do que no primeiro grupo, isto é, mais no início dos anos 2000.

Figura n.º 2 – Grupo dos intervenientes luso-alemães

	fem	mas	ano nascimento	Naturalidade			nacionalidade		ano	Regresso	
				pt	Al	pt	al	binac		individual	acompanhado
1	■		1982		■	■			1994		■
2			1973	■					1992	■	
3			1974		(be)				2000	■	
4	■		1975		■	■			1997		■
5		■	1976		■	■			1988		■
6			1972		■	■			2006	■	
7		■	1986		■	■			2002	■	
8			1972	■					2003		
9	■		1972		■	■			1988		■
10	■		1972		■	■			1991		■
11		■	1983	■		■			2000		
			1983	■		■			2004	■	
		■	1969		■	■			1999	■	

4. Entrecruzamento de experiências migratórias

A migração é sempre enunciada como temporária, mais ainda quando a construção da casa faz querer parecer que se pretende antecipar quanto antes o regresso. Na prática, assiste-se ao seu constante adiamento. A tal acresce a atitude muitas vezes tomada no período das férias de verão, quando se traz mais algum objeto para decorar a casa ou um novo material de construção para desfazer e tornar a fazer o que já tinha sido construído – é como se se tratasse de um eterno jogo, de uma eterna tarefa. No fundo, vai-se adiando tomar a decisão de definitivamente voltar à casa imaginada como se adia querer viver na terra tão amada, mas longe. A segunda geração, que ora participa, ora testemunha esta relação amor/ódio, apropriação/desposseção, tem uma visão deturpada da terra imaginada, também, em parte, graças ou por causa do período das férias: “fomos nós que pressionámos os nossos pais a voltar para Portugal [...] foram as férias e nós dissemos: este país é ótimo, vamos para lá” (E1A).

Quando se está longe de casa, casa significa segurança, afeto, identificação, conforto, pertença, alegria, tendo a nostalgia, a saudade, como vínculos neste exercício que alimenta e que (re)cria uma memória construída ou um futuro sempre adiado.

A casa, outrora sinónimo de terra natal, transforma-se numa entidade estranha, indefinida, desfocada, perturbadora e triste, como este conjunto de trabalhos de Joe Lima (artista luso-canadiano)²⁸, que traduz tão

28 Disponível em: < <http://www.joelima.ca/>>, consultar os trabalhos intitulados *Home*.

bem este incómodo de um presente que não se reconhece: “vejo-me como uma minoria porque as pessoas me fazem sentir isso, o meu nome, Jeanine ..., tenho de explicar sempre, não sinto maldade ... é difícil de definir, mas sinto qualquer coisa” (E5F).

As várias entrevistas que realizámos (junto de luso-franceses e de luso-alemães) têm demonstrado que, mesmo se fica algo por dizer, tanto ao entrevistador/investigador como para o próprio, se trata de um momento totalizante, no qual uma consciência de tudo o que está em jogo na vivência da emigração parece emergir. Não direi que o ator leu tudo, analisou tudo, mas verificámos efetivamente que, independentemente da produção do discurso sobre o pós-vivido de toda esta experiência migratória inacabada, o que se intuiu, viu, sentiu... obrigou, obriga, a um posicionamento crítico. A entrevista constituiu-se, pois, num meio que produz uma narrativa que materializa um posicionamento, que liga um passado a um presente, fazendo com que haja uma verdadeira tomada de consciência.

A emigração significa uma inscrição, numa lógica de subalternidade, tanto no país de origem como no país de acolhimento, dinâmica que é reconhecida e de alguma forma assumida mesmo se se pretende alcançar uma emancipação ou construí-la como uma mobilidade social ascendente:

sim, sempre tratada de forma diferente. Estava chapada na minha cara que não era alemã, não havia uma discriminação direta, mas interrogações subjacentes – quem és, de onde vens, o que fazem os teus pais... (E9A)

permaneci discreta nos dois lados (E5F)

desde pequena que me sinto parte de um grupo diferente [...] nunca me senti discriminada na Alemanha mas eu própria sabia que era portuguesa. Em Portugal sinto-me portuguesa e lá na Alemanha esse sentimento era mais forte [...] na Alemanha no meio de oitenta milhões de pessoas eu sou portuguesa, pertenço a um grupo restrito de pessoas (E1A)

sentia-me perfeitamente francês, portugueses são os meus pais [...] sentia-me desenraizado quando passava por aquela associação cultural [portuguesa, em França] (E13F)

Independentemente do facto de se assistir na maior parte dos casos inquiridos a uma mobilidade social ascendente, existe por parte da sociedade portuguesa uma reinscrição, numa lógica de subalternidade, a relação de força de classe reimprime-se. Como dizia uma das entrevistadas “uma vez emigrante serás sempre emigrante”, filho(a) de emigrante, se tivesse de terminar a frase.

Este tipo de experiência faz com que o descendente migrante tenha desde muito cedo de acionar recursos e desenvolver estratégias de visibilidade/invisibilidade que o situam numa geografia de fronteira, para em parte responder à sua condição primeira que é a da dupla pertença.

As experiências de regresso ou de vinda para o país de regresso protagonizadas pelos descendentes da primeira geração de emigração podem assumir várias temporalidades. Desde o “regresso definitivo” até, por exemplo, ao “regresso experimental”, representado pela experiência Erasmus, quando protagonizado por estudantes universitários. Neste arco podemos ainda referir as multicomposições e decomposições no seio de um mesmo agregado familiar, entre inúmeras idas e vindas: filhos nascidos ou não em Portugal/França/Alemanha, com escolarização iniciada ou não, deixados no país de origem com os avós ou com os tios, que novamente voltam para junto dos pais, que novamente são reenviados, ou regressam mais tarde, quando podem decidir e assumir essa decisão independentemente dos eventuais resultados e do nível de satisfação efetivamente alcançado. “O fenómeno migratório na minha família foi praticamente total, sou o único a viver em Portugal, todos vivem em França” (E2F).

Independentemente da multiplicidade de experiências vividas através do regresso, podemos apontar, quase de forma unânime, que se verifica um desvio do projeto inicial de regresso, revelando-se o regresso como processo

consciencializador da necessidade de se reconstruir. De uma *soi-disant* linearidade inocente da trajetória esperada, o regresso transforma-se num processo/experiência de reconstrução identitária: “não sei se me encontrei [com o regresso]. Parece que fica sempre algo por resolver” (E2A), “sou diferente desde que vim” (E4F).

A literatura produzida em torno do “regresso” de descendentes de migrantes²⁹ tem demonstrado um recente reconhecimento da importância do tema mesmo se apresenta alguma dificuldade na aceitação do conceito tanto por parte de certos autores como pelos próprios protagonistas. No entanto, esta literatura que tem vindo a ganhar alguma visibilidade apresenta-se como um dado incontornável, visto que obriga a reler os fenómenos migratórios e a integrar outros níveis de leitura e, finalmente, contribui para uma maior complexificação dos fenómenos que se traduz numa desmultiplicação de realidades. Infelizmente, a literatura também demonstra que, a nível internacional, a experiência portuguesa de descendentes, isto é, as experiências portuguesas não têm integrado a literatura reconhecidamente ligada a esta temática. A realidade da experiência do regresso em Portugal, à exceção de alguns estudos³⁰, não é por todos assimilada. Existe naturalmente uma muito grande dificuldade em recensear em números os diferentes movimentos, não só por causa do espaço de circulação intracomunitário mas também por causa do fator da dupla-nacionalidade que vem ainda mais confundir todo o processo. Além de não existir uma continuidade de trabalhos de investigação que possam acompanhar a sua evolução, diria mesmo, que não permite compreender a lógica da realização dos fluxos. Ou seja, não existem recursos nem meios capazes de selecionar uma realidade que reflita minimamente o que se passa e o que se passou. Todo este sistema acaba por reproduzir estereótipos, refundir mitos e processos de investigação tradicionais, tornando-se incapaz de criar uma inovação conceptual e uma estrutura metodológica própria.

Assim como a migração significa uma inscrição numa lógica de subalternidade, tanto no país de origem como no país de acolhimento – dinâmica reconhecida e de alguma forma assumida –, o regresso que se quer garante de uma identidade há muito reivindicada, de um reconhecimento de igual para igual, de concidadão para concidadão, podendo finalmente concretizar uma memória, uma pertença plena, também ele poderá produzir uma espécie de “desinscrição”/não inscrição de um lugar “natural”.

Os recentes trabalhos sobre as vagas mais atuais da emigração portuguesa, só para citar, por exemplo, o estudo realizado pelo sociólogo João Teixeira Lopes³¹, parecem apontar para um “abandono” da ideia de regresso contrariamente às vagas clássicas da emigração intraeuropeia dos anos 1960. Em que se transforma a casa? Como se reconstruem ou constroem as novas relações de pertença? “Andar sempre à procura de produtos portugueses e assim ajudar a economia do nosso país; sermos embaixadores do nosso país com cada estrangeiro que conhecemos; sentir que mesmo com saudades de Portugal aqui é a nossa casa .

Recolhido para a revista *POrt.com*, este *post* de uma portuguesa que vive na Dinamarca pode ser interpretado como testemunho da saudade da pátria, que se defende, ama, imagina, referenciada de variadíssimas maneiras (música, gastronomia, cultura . . .). Este vínculo é com frequência associado à assunção de um papel empreendedor de embaixador, mediador cultural e económico que a representa, que a vive, mas à distância. A casa onde se habita,

29 Entre outras referências bibliográficas: CHRISTOU, 2004, 2006; CONWAY; POTTER, 2009; FOKKEMA, 2011; KING; CHRISTOU, 2008; MARKOWITZ; STEFANSSON, 2004; TSUDA, 2009a, 2009b; WESSENDORF, 2008.

30 AFONSO, 1997, 2005; FLORES, 2012; SARDINHA, 2009, 2010.

31 “Os projetos comportam sempre uma dose de reflexividade face às condições objetivas de existência e uma dose de cálculo quanto aos futuros possíveis. Ora, para estes jovens o regresso não é uma hipótese a curto prazo. Compreendem-se bem as razões: por um lado, a decisão de emigrar é recente e encontram-se em pleno processo de inserção no país de destino, com forte investimento na preparação de uma vida nova; por outro lado, tal processo parece corresponder aos seus objetivos, na medida em que a França se afigura um país que reconhece as suas qualificações e que, mais ainda, acresce qualificação à qualificação (carreiras estáveis, protegidas, bem remuneradas, com francas possibilidades de progressão). Finalmente, a dura situação portuguesa, sem vislumbre de melhoria próxima, obriga ao refrear das expetativas” (LOPES et al., 2014).

a partir da qual se cria o futuro é a pátria da cidadania plena, do reconhecimento, do investimento que tem retorno, de uma certa emancipação, mesmo se a emigração significa sempre, nalguma escala, perda de algo. Sair de Portugal compensa mais do que ficar. Tanto mais que o mercado da saudade, a *Ryanair* e todas as plataformas tecnológicas, permitem uma justaposição de casas: ter a casa em casa ou, em última análise, finalmente viver a sua casa³².

Recupero aqui o trabalho de Marco Godinho³³ (artista luso-luxemburguês) a partir da sua instalação intitulada *Home*, palavra que reenvia à habitação, nação, território, pertença. Para melhor explicitação, convoco o texto constante do catálogo que revisita a sua obra:

Home, palavra desmultiplicada e desconstruída tantas as vezes quanto aquelas que correspondem ao número de línguas que o artista fala que são 5 no total. Estas lâminas que têm de ser substituídas por novas transformam-se em espaço laboratorial para a criação de uma nova linguagem. Trata-se de questionar a ideia de habitação/casa, de nação, de cosmopolitismo e da perda de referentes estáveis, fixos, quando somos levados a deslocarmo-nos e a misturar constantemente várias línguas e várias culturas. Uma crioulização da língua aparece como sendo essencial e necessária no processo de reconstrução de uma nova identidade incerta³⁴.

5. Discussão

Da vontade de justapor experiências de regresso protagonizadas por luso-franceses e por luso-alemães, as entrevistas realizadas por J. Sardinha apresentam-se como uma primeira base de trabalho. A presente reflexão é, antes demais, um esboço de hipótese de trabalho a desenvolver de forma mais extensiva e intensiva. Assim, parece-nos relevante sublinhar os seguintes pontos elaborados a partir dos testemunhos dos entrevistados que acabam por adotar a forma de pressuposto.

Podemos constatar que um ponto que constitui distinção entre os dois grupos prende-se com o facto de que a maior parte dos inquiridos luso-franceses são titulares da dupla nacionalidade, o que não se verifica no caso luso-alemão³⁵. Podemos talvez dizer que ser-se binacional oficializa uma dupla pertença, independentemente dos sinais negativos da sociedade civil, e atenua um auto sentimento de desconforto, de estranheza. Dupla nacionalidade que não é, todavia, sinónimo nem de participação política (eleições), nem de inscrição junto das entidades consulares francesas em Portugal.

Ainda no que diz respeito a esta ausência de tradução política, recorro ao posicionamento manifestado por Aude Amorim, aquando da sua missão diplomática enquanto Cônsul Geral de França no Porto (2010-2014), que defendeu um ponto crucial, que, tanto política como culturalmente, tem sido sucessivamente posto entre parênteses – o conceito de diplomacia migratória³⁶. Para esta diplomata, é fulcral reconhecer os fluxos existentes e protagonizados neste caso entre a França e Portugal ao longo das décadas isto é por várias gerações, valorizar e dignificar esses mesmos fluxos, no intuito de se traduzir em maior relevância política nos dois países.

Segundo o seu exercício de tentativa de quantificação da realidade em causa, a partir dos Censos de 2011,

32 "Ser português na Dinamarca é ...". *Port.Com, Revista de Portugal e das Comunidades*, abril de 2015. Disponível em: <http://issuu.com/ajbbnetwork/docs/abril_portcom_net>.

33 Disponível em: <http://www.marcogodinho.com/>.

34 Disponível em: [http://www.marcogodinho.com/Godinho_Dossier_2013_FR\(72dpi\).pdf](http://www.marcogodinho.com/Godinho_Dossier_2013_FR(72dpi).pdf).

35 Embora a partir de 2000 a lei tenha sido revista e mais recentemente corrigida no sentido de não se renunciar uma nacionalidade em detrimento da adoção da nacionalidade alemã.

36 AMORIM, 2013.

82 mil portugueses residentes em Portugal nasceram em França (metade terá entre os 30 e 39 anos), o que significa que a França se constitui como segundo país de nascimento dos portugueses! 45 mil franceses e luso-franceses dos quais 20 mil são binacionais e 2/3 vivem no norte e no centro do país. O que representa três vezes mais o número de inscritos no Consulado francês do Porto. Ainda segundo Aude Amorim, 70% dos aí inscritos são lusodescendentes³⁷. No entanto, permanecem invisíveis no sistema, e, portanto, para o sistema. Quase 20% da população portuguesa residiu pelo menos um ano no estrangeiro. Para continuar a citar Aude Amorim, os luso-descendentes “não devem ter vergonha do seu passado migratório”. Devem “fazer da mobilidade um trunfo, uma cidadania com mais expressão nos dois países, para se poder desenhar e desenvolver políticas públicas “definitivas” como, por exemplo, o conhecimento cultural, a aprendizagem das línguas”.

Os entrevistados de ambos os grupos têm consciência que são detentores de um capital diferenciador. Esse capital tem várias dimensões, entre as quais o bilinguismo, uma maior politização, o espírito crítico, rigoroso e exigente, a experiência multicultural, etc., em prol de um desenvolvimento pessoal que, nas suas representações, não teria sido adquirido em Portugal – “devo à França a pessoa que sou hoje” (E1F) –, e que é pouco ou dificilmente valorizado na sociedade portuguesa, nomeadamente no mundo profissional. Ética autorreconhecida mas não heteroreconhecida. No entanto, uma das mais-valias que é reconhecida, nomeadamente ao grupo dos luso-franceses, tem a ver com a competência linguística. Daí constituírem-se como grupo discriminado positivamente por empresas de *call centers* como *Altice*³⁸.

O regresso faz com que a desigualdade de género ganhe maior amplitude. Ser mulher, mãe e ter uma carreira parece ser mais difícil do que na Alemanha ou em França: “a única desvantagem em Portugal é sermos mulheres e termos filhos. Isso não acontece na Alemanha” (E4A). O regresso faz com que as mães e as filhas se aproximem na experiência da desigualdade.

O regresso equivale a uma nova formulação de projeto de vida numa outra sociedade. A sua concretização não contempla a decisão de voltar a viver em França ou na Alemanha, delegando essa opção como solução a uma eventual dificuldade intransponível. Nesta reprogramação vivencial, a memória toma um lugar e um papel importante. Assiste-se a um passado que, por vezes, é arquivado, outras tornado estranho, ou ainda sujeito, novamente, a uma mitificação:

sentia-me perfeitamente francês [mas] cada vez que lá vou, sinto que não tenho nada a ver com eles [...] há um passado que vivi lá (E14F)
para mim, tento esquecer que nasci lá (E8F)
mostrar à minha filha onde nasci... (E10F).

Aspirar a uma outra construção política parece decorrer da vontade de ver reconhecida e traduzida a multiterritorialidade de que se é portador, sem necessidade de ter de a explicar, de a justificar, e sem ter de a julgar como negativa: “considero-me cosmopolita, não sou nem 100% alemão, nem 100% português. Sou um pato: um pato sabe nadar e voar mas não faz bem nenhuma das duas coisas” (E6A).

37 Entrevista concedida ao *LusoJornal*, n.º 64, Série II, 11.1.2012.

38 “Call center prefere antigos emigrantes” (disponível em: <<http://www.pressreader.com/portugal/jornal-de-noticias/20150525/281505044811511/TextView>>) e “Altice abre a porta de emprego a filhos de emigrantes”. *Correio do Minho*, 30.7.2015, p.14-15, onde se pode ler, por exemplo, que “para muitos destes candidatos, é a porta do mercado de trabalho que se (re)abre na terra natal ou nas proximidades, muito em resultado do conhecimento da língua francesa adquirido por um passado de emigração [...] Manuel de 39 anos de idade nascido em Portugal mas com a infância e todos os estudos feitos em França Susana nasceu em França mas regressou a Portugal com 19 anos agora com 39 anos...”.

Quantas vezes ouvimos esta locução, “nem... nem...”, apontando sempre para a reivindicação de uma outra dimensão política que os decisores, na sua atividade de fazedores políticos, ainda não conseguiram traduzir, nomeadamente ao nível europeu. Por exemplo, em prol da construção de uma cidadania supraeuropeia, em que se sobreponha o exercício de uma cidadania plena, em detrimento de um fechamento identitário, de cariz nacionalista e revivalista, ultrapassado, já que renega toda a matriz múltipla e complexa da sociedade contemporânea na qual nos inserimos.

O assumir que sair do país é quase sempre uma possibilidade a ter em conta, mesmo se o país se inscreve numa cartografia político-económica diferente. As vagas de emigração dos anos 1960 e 2000 correspondem efetivamente a dois períodos opostos: Portugal no regime salazarista, pré-revolucionário *versus* Portugal na zona Euro. As vagas de emigração, conseqüentemente, produzem dois discursos opostos que, no fundo, resultam da *realpolitikeconomic* e refletem, também, o que mudou no país “existem dois tipos de emigração: clube português e “vivência internacional” (E5A) como ainda o que permanece: a eterna dúvida se se tem de ficar ou partir outra vez:

voltar à Alemanha não sei, mas se tivesse uma boa proposta noutra país, a Inglaterra, não diria que não (E10A)
por vezes chego a pensar em emigrar novamente mas a tal qualidade de vida acaba por nos segurar cá (E4F)
sinto-me satisfeita por estar cá ... mas preocupada com o futuro” (E8F)
sonho da carreira diplomática mas depois de um ano decidi re-regressar, percebi que seria mais do mesmo, seria reviver a emigração dos meus pais, a um outro nível, mas não queria isso (E9A)

Os meios sociotécnicos aniquilam a questão de se localizar. As facilidades de acesso que estes meios propiciam normalizam o consumo cultural fazendo por um lado coabitar, permeabilizar os referentes culturais ou por outro, sobrepor um em detrimento do outro. “Google é sempre .de e nunca .pt” (E2A).

Considerações finais

A artista Svetlana Boym³⁹ através do seu trabalho artístico não pretende, ao regressar à sua terra natal, rememorar o passado, legitimar uma nostalgia. A experiência de regresso é mediada pela fotografia não como recurso documental mas antes como meio de descontinuidade:

Touching pictures [...] is interfering with the technological process and defying the understanding of photography as the art of mechanical or digital reproduction. [...] When [I] returned to Leningrad in 1989, after a 9 year absence, I found my old house in a sad state of disrepair [...]. After [I] returned to the USA, [I printed the image of [my]] home ruins once when the computer ran out of print. [...] After hitting it (literally) it worked again. Its unconscious spilled out in amazingly deviant and almost psychedelic colors that made each print unrepeatably. The image bore an uncanny resemblance to my home, but in it I managed to disrupt the rite of homecoming [...]. Should the rite of return include the rite of detour? Perhaps such a detour – whether artistic, personal, or intellectual – is a more honest way of confronting the challenges of a lost home and of the nostalgic conflation between personal and collective history, between memory and politics⁴⁰.

39 Disponível em: <<http://www.svetlanaboym.com/main.htm>>. Svetlana Boym (1966-2015), fotógrafa, ensaísta, escritora, argumentista, artista visual, realizadora foi também professora no Departamento de Literaturas Comparadas da Universidade de Harvard. Judia russa, emigrou para os Estados Unidos antes da queda do regime soviético. Um trabalho diversificado, em constante transdisciplinaridade, centrou grande parte da sua reflexão sobre a questão da memória, da nostalgia (*The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books, 2001).

40 BOYM, 2011.

Estudar as migrações de regresso permite proceder à distinção dos vários regressos, pondo, assim, fim, à visão do regresso como categoria singular, e, principalmente, tentar compreender, pelas motivações que criam o regresso em várias modalidades e temporalidades, as relações criadas entre a sociedade de partida/origem e a sociedade de naturalidade/acolhimento. Fatores como emprego, instabilidade, exclusão ou como procura de identidade, aventura, entre outros, não podem ser considerados suficiente e isoladamente para distinguir, discriminar as motivações do regresso. Não podemos recorrer aqui à análise categorial. É precisamente a intersecção entre os vários fatores que pode auxiliar a melhor visualizar as tendências dominantes na realização do regresso.

As experiências, as vivências do regresso aqui em parte microtratadas também revelam como o regresso tão desejado, imaginado⁴¹, construído, se transforma numa vivência em que se reprojeta, reequaciona uma pertença, sendo o desvio o elemento constitutivo dessa reconstrução. Recupero da Geografia o conceito de espaço ou de território "multisituado". Numa aceção não física, permito-me afirmar que a segunda geração cria efetivamente uma multiterritorialidade complexa de lugares não contíguos para responder a si, à sociedade de origem ou de instalação/regresso. Este ator social move-se nesse espaço, desde a dimensão simbólica à dimensão política, passando pela dimensão linguística, para garantir que a sua condição de in between, de biculturalidade de cá e lá seja preenchida, ou para citar Malik Nejmi, artista franco-marroquino: "se révéler dans une forme d'apatridité"⁴². No fundo, uma vez vivenciado o desenraizamento, a pertença já não precisa de se materializar, de se traduzir num único espaço, num único território. Consciência de que se trata de um espaço a construir, que pode ser construído em qualquer lugar porque se tem consciência que já se ultrapassou a configuração política e simbólica que a sociedade contemporânea, paradoxalmente, ainda não conseguiu alcançar.

Biografia

AFONSO, S., 1997 – *A segunda geração e o regresso. A Geografia do actor de fronteira*. Coimbra. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

AFONSO, S., 2005 – "A segunda geração e o regresso: motivação e vivências", in MARUJO, M.; BATISTA, A.; BARBOSA, R. (eds.) – *Proceedings of 1st International Conference. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women*. Toronto: University of Toronto, Department of Spanish and Portuguese, p. 117-127.

AHMED, S. C. et al., (eds.), 2003 – *Uprootings/Regroundings: Questions of Home and Migration*. Oxford: Berg.

AL-ALI, N.; KOSER, K. (eds.), 2002 – *New Approaches to Migration? Transnational Communities and the Transformation of Home*. London: Routledge.

AMARO, R. R. 1985a – "Ei-los que voltam: problemas e desafios do regresso dos emigrantes". *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N.º15/16/17, p. 351-373.

AMARO, R. R. 1985b – "Reestruturas demográficas, económicas e socioculturais em curso na sociedade portuguesa: o caso dos emigrantes regressados". *Análise Social*. Vol. XXI (87-88-89), p. 605-677.

AMORIM, A., 2013 – "O regresso às origens: outra aproximação entre a França e Portugal. Uma diplomacia migratória?", comunicação apresentada no colóquio *Imagem da (e)migração vs (e)migração em imagens – da Gaiola Dourada à Geração Europa*. Porto: OLD – Observatório dos Lusodescendentes, outubro 2013.

41 ROCHA-TRINDADE, 1983.

42 Disponível em http://creative.arte.tv/fr/episode/malik_nejmi.

- BOYM, S., 2011 – “Off-Modern Homecoming in Art and Theory”, in HIRSH, M.; MILLER, N. (ed) – *Rites of Return – Diaspora Poetics and the Politics of Memory*. New York: Columbia University Press, p.151-165.
- CABRAL, A., 2003 – “Profils de jeunes d'ascendance portugaise de retour au Portugal: expression linguistique et hétéro-image”. *Recherches en Anthropologie au Portugal*. N.º 9, p. 79-85.
- CANDEIAS, P., FERREIRA, B.; PEIXOTO, J., 2014 – “Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber – uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013”. *População e Sociedade*. N.º 22, p. 11-31.
- CEPEDA, F. T. 1989 – *Emigração, Regresso e Desenvolvimento no Nordeste Interior Português*, Vila Real. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- CHRISTOU, A., 2004 – “Reconceptualizing networks through Greek-American return migration: Constructing identities, negotiating the ethnos and mapping diaspora – theoretical challenges regarding empirical contributions”. *Spaces of Identity*. Vol. 4, n.º 33, p. 53-70.
- CHRISTOU, A., 2006 – *Narratives of Place, Culture and Identity: Second-Generation Greek-Americans Return 'Home'*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- CONIM, C. 1983-1984 - “Emigrantes portugueses: o regresso, 1960-1981”. *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. N.º 26, p. 73-126.
- CONWAY, D.; POTTER, R. B., 2009 – *Return Migration of the Next Generations: 21st Century Transnational Mobility*. Disponível em: <http://books.google.pt/books/about/Return_Migration_of_the_Next_Generations.html?id=ws17Byj2ujAC&pgis=1>.
- FLORES, C. M., 2012 – *A Competência Sintática de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal – um estudo sobre erosão linguística*. Braga. Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem apresentada à Universidade do Minho.
- FOKKEMA, T., 2011 – “«Return» migration intentions among second-generation Turks in Europe: The effect of integration and transnationalism in a cross-national perspective”. *Journal of Mediterranean Studies*. Vol, 20, n.º 2, p. 365-388.
- GONÇALVES, M. O. B., 2007 – *Desenvolvimento em Meio Rural. Contributos da Emigração e do Regresso – Aplicação ao Concelho de Boticas na Região Barrosã*. Lisboa. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Aberta.
- HAMMOUCHE, 1998 – “Le migrant et l'artiste comme figures de la modernité”. *Ecart d'identité*. N.º 86, September, p. 1-5.
- KING, R., 2000 – “Generalizations from the history of return migration”, in GHOSH, B. (ed.) – *Return Migration: Journey of Hope or Despair?*. Geneva: IOM and UN, p. 7-55.
- KING, R.; CHRISTOU, A., 2008 – *Cultural Geographies of Counter-Diasporic Migration: The Second Generation Returns 'Home'*. Sussex Migration. Working Paper 45. Brighton: Sussex Centre for Migration Research, University of Sussex.
- LEANDRO, M. E., 2002 – “Reinserção familiar no centro das antinomias dos processos migratórios internacionais. Um estudo de caso em situação de regresso”. *Sociedade e Cultura*. N.º 4, p. 25-73.
- LOPES, J. T. et al., 2014 – *Geração Europa – Um estudo sobre a jovem emigração qualificada para França*. Lisboa: Mundos Sociais.
- MADEIRA, A.B.; MEDEIROS, O., 2004 – “Imigração e regresso: o caso dos concelhos de Nordeste e Povoação (S. Miguel, Açores)”. *Portuguese Studies Review*. Vol. 11, n.º 2, p. 205-232.
- MAFFESOLI, M., 1985 – *À sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal.
- MARKOWITZ, F.; STEFANSSON, A. H. (eds.), 2004 – *Homecomings: Unsettling Paths of Return*. Lanham: Lexington Books.
- MARTINS, F. R., 2004 – *Pinhal Interior Sul e o Regresso de Emigrantes (1975-2001)*, Lisboa. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- MARTINS, J. N., 1986 – “Emigrantes, retornados, regressados e mudança numa comunidade da Beira-Interior”. *Povos e Culturas*. N.º 1, p. 149-166.
- MEDEIROS, O.; MADEIRA A. B. 2003 – *Emigração e Regresso no Concelho da Povoação*. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.
- MONTEIRO, P. F., 1994 – *Emigração. O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta. OLIVEIRA, Isabel Tiago de, 2007 – “Emigração, retorno e reemigração na primeira metade do século XX”. *Análise Social*. Vol. XLII, n.º 184, p. 837-852.

- NETO, F., 1980 – *Le Retour des Migrants Portugais. Contribution à l'Étiologie du Retour au Pays Natal*. Paris. Tese de Doutoramento apresentada à École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- POINARD, M. 1983 – "Emigrantes portuguesas: o regresso". *Análise Social*. Vol. XIX, n.º 75, p. 29-56.
- PORTELA, J.; NOBRE, S., 2001 – "Entre Pinela e Paris: emigração e regressos". *Análise Social*. Vol. XXXVI, n.º 161, p. 1105-1146.
- POTTER, C. R. B. (ed), 2009 – *Return migration of the next generations – 21st century transnational mobility*. London: Routledge
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (ed.), 2009 – *Migrações – Permanência e Diversidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- ROCHA-TRINDADE, M. B., 1986 – "Remigratório: migração e retorno". *História*. N.º 98, p. 4-14.
- ROCHA-TRINDADE, M. B., 1984 – "O regresso imaginado". *Nação e Defesa*. N.º 28, p. 87-97.
- SARDINHA, J., 2011b – "Portuguese-Canadian and Portuguese-French second-generation migrant women narrate 'return' to Portugal". *Ex Aequo*. N.º 24, p. 29-43.
- SARDINHA, J., 2009 – "Perceptions of belonging, Feelings of Alienation: When Portuguese Descents Return to the Ancestral Homeland", comunicação apresentada na *International Conference Coming Home? Conflict and return migration in Twentieth-Century Europe*, Southampton, United Kingdom, 1-3 April.
- SARDINHA, J., 2010 – "Integration, Identity and Gender: Portuguese-Canadian and Portuguese-French second-generation emigrant women narrate 'return' to Portugal". CEMRI Working Paper (1/10).
- SARDINHA, J., 2011a – «Neither Here nor There: Identity Constructions, Conceptions of 'Home' and the Transnational Lives of Second Generation Luso-Canadians and Luso-French in Portugal» in FAGUNDES, F. C. et al (eds.) – *Storytelling the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together*. New York: Peter Lang, p. 153-174.
- SILVA, M et al, 1984 – *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- SILVA, M. 1985 – "O fenómeno do retorno na dinâmica do emprego e do desenvolvimento regional". *Desenvolvimento*. N.º 2, p. 115-132.
- TSUDA, T., 2009a – *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*. Stanford: Stanford University Press.
- TSUDA, T., 2009b – "Why does the diaspora return home?", in *Diasporic Homecomings – Ethnic return migration in Comparative Research*. Stanford: Stanford University Press, p. 21-43.
- WESSENDORF, S., 2008 – *Local Attachments and Transnational Everyday Lives: Second Generation Italians in Switzerland*. Working Paper 59. Centre on Migration, Policy and Society, University of Oxford.